

POESIA

Realidade.

AO MEU AMIGO.

M. J. DA FONSECA.

A tempestade freme ! Águia possante
Estende as azas negras sobre a terra,
Obumbra as amplidões !
Rasga as entranhas virgens da floresta,
Arraza montes, despedaça robles,
A fúria dos tufoes !

Rugem os mares a hyberbole da morte !
Sobre as horrendas, bronzes penedias
Atiram seu furor !
Indomável leão erija a juba ;
Solta rugido enorme, e o mundo treme
De colossal terror !

Ribomba nos espaços aturidos
O rolar do trovão ; echo medonho
Das pragas infernaes !
Fendem as nuvens raios conscentes ;
Rápidas desceem ; ruem as abobóias
Das velhas cathedraes !

As ventanias passam ululando
Nas cristas das montanhas ! Vozes lugubres
Accordam as soidões,
Echo triste da lyra da desgraça ;
Ultimo sol que brilha no muribundo
No céo das illusões !

Diluvios d'agua inundam as campinas !
Rios caudaes despenham-se dos montes
Com horrível bramir !
O vendaval arqueja horri-troante !
Línguas de fogo rasgam os espaços !
O solo quer se abrir !

O mundo é negro cabos ! As ruínas
Na terra se amontam ; escancaram-se
As fauces do volcão !
A espada do castigo já flameja
No sanguineo horizonte ! — indica tudo
Mortal destruição !

Vai na minh'alma a indomita procella !
Sinto a meus pés abri-me a desventura
O immente alyamo seu !
Da minha mocidade, — mudo os sonhos ?
As douradas chiméras ? O meu astro
Aonde se escondem !

As minhas esperanças, gentil bando
De doudas andorinhas, o desterro
Oa vótes lhe astout !
Cobre-me a fronte a pallidez dos tristes !
Enevoa-me o olhar intimo pranto
Que a desdita gerou !

Aos meus ouvidos chega o som ignaro
Da risada estridente ; voz sinistra
Do escarneo tredo e vil !
O verme que enlamea de nossa alma
O lago crystalino onde se espelham
As amplidões de anil !

Tenho na fronte o estigma do mundo !
Ousci levantar os olhos tímidos
Ao seio do ideal ;
Confiei ao papel as minhas lagrimas ;
Soletrei, a chorar, o verbo angusto
Do throno do immortal !

não querem consolar meu irmão ! Não,
não é nelles, que eu creio, não é nelles que
eu espero; e o que elle não me quer conce-
der, vou pedil-o ao diabo; é a este só que
invoco, visto Deus abandonar-me ?

Neste momento brilhou um relampago
seguinte-se logo o ruído horrível de um
raio, o que o fez suppyr, que Deus ia pu-
nir-lhe as blasphemias, mas o barco pas-
sou incólume por entre os rochedos apezar
da escuridão e do vento,

E, dizia Guilherme, porque ouviria
Deos nossas blasphemias, quando nos não
ouve as orações ! O diabo é melhor pro-
tector, não passei eu a salvo este temeroso
passo invocando-o, quando tantos aqui
têm perecido implorando o socorro de
Deus ?

E o barco continuava seguindo rapido
a caudalosa corrente.

II

— Todos sabem que no paiz aonde
Henrique se estabeleceu, voltou rico, por-
que se entregou ao diabo na encrusilhada
da mata. Bem sei que ha incredulos que
affirmam, que embora se chamasse o dia-
bo com nomes a fio nas encrusilhadas das
matas, não nos ouviria. Entretanto não é
razão para não cremos nas cousas, não é
as comprehendemos ; mas é um crime
vendermo-nos ao diabo, e estremeço só
com a idea de lhe pertencer, e soffrer tudo
o que se diz das penas do inferno. Mas
meu irmão, meu irmão, que quando eu
era criança trabalhava para me sustentar
soffre neste momento, e é preciso consola-
lo — seja porque prego for ; além de que
talvez Deus se amerceie de mim vendo a
causa que me fez commetter um crime !

— Que horrivel tempestadel prosegua
Guilherme, será um aviso do céo? — Não,
não pôde ser, o céo não se occupa de nós,
o céo, que deixa soffrer o melhor dos ho-
mens ! Neste momento aborou e saltan-
do em terra amorrour o bote ás raizes de
um velho salgueiro.

— Oxalá que ache o logar que tantas
veses me mostraram.

A claridade das lampadas penetrou
elle na matta, e depois do bastantes vol-
tas chegou a um ponto d'onde partiam tres
caminhos.

— E' aqui disse elle, e encostou-se a
uma arvore, com os cabellos hirtos, o corpo
arripiado.

O vento sibilando por entre as arvo-
res, o clarão azulado dos relampagos jun-
to ao tremendo reboamar dos trovões,
lhe augmentaram o terror que se apoderara
d'elle. Contando, sempre com o fio na
salvação do irmão, procurou Guilherme
recordar-se da formula que lhe haviam
indicado, e de que se servio Henrique, o
abastado.

No momento de a pronunciar hesitou
momentos depois exclamou : — Vamos !
aconteça o que acontecer ! e em alta voz
disse tres vezes : — Senhor diabo, eu vos
dou no presente e no futuro a minha mão
esquerda, se curardes meu irmão ! — de-
pois bradou com amargura : Acabot-se !
e cahiu chorando sobre a relva humida
que o rodeava. Em seguida levantou-se,
e, e, sem consciencia do que fazia, foi em-
barcar. Ao passar pelo rochedo o remo
que levava na mão esquerda quebrou-se
de encontro uma enorme pedra. A vista
d'isto não duvidando já que o diabo acci-
tara o pacto, estremeceu, e deu-se pressa
em chegar á casa.

(Continúa.)

Senti do cranco meu brotar a idéa
Como o oceano, inferno, impetuosa !
Tinha sede de luz !
Busquei-a em vão! — as travas me offuscaram !
Encontrei só as rochas do Calvario,
E no Calvario a cruz !

Sabes, amigo, o anathema que pezo
Na fronte do poeta ? ... Pungem fundo
Os martyrios cruéis !
Accorrem-tam no ao poste do supplicio !
Rasgam-lhe o seio, coem-lhe-na face
O pó das suas leis !

Prometteu de hoje cada rua é um caucaso !
Encontro sempre o abutre do Sarcasmo !
Em toda a parte, o Mal !
Das suas amarguras ri-se o povo !
E rasão tem !... as lagrimas são rios
Na sua bacchanal !...

Enthusiama-o hoje a voz do genio !
Erige altares, edifica templos,
Vota-lhe adoracoes !
Mas se amanhã voltar, e moribundo,
For implorar um leito... da-lhe rindo
A enxerga de Camões !...

E tu não sabes, amigo, quanto soffro
A minh'alma ? Na terra do desterro
Quão triste é não viver !
Curvado sempre a estultos preconceitos,
Não posso erguer o olhar que não me enlute
As trevas do soffrer !

Chasqueam-me os infames! — E' poeta,
Bradam na sua torpe algarvia,
A turba dos vilões.
Seguem meus passos ! querem que me curva
Ao seu pensar ! Reajo ; e tenho em troco
Da miseria os baldões !

Mas que me importa ? A minha consciencia.
E' mais forte que a sanha dos tyrannos !
Nunca soube tremer !
Basta-me a creença para dar-me o alento !
O pranto da saudade é meu conforto,
Abomino o descer !

Porém, meu Deus, sentir a mocidade
Palpitar a minha alma ; e ver perdidas as
As minhas illusões ;
Não ter mais fé de achar neste deserto
Um oasis virente, um lar, um foco
De santas affeições ;

E' triste, muito triste ! Esta amargura
Inoita-me o presente ; não me deixa
Fitar o meu porvir !
Procuo um sol... e encontro densas travas
Se quero caminhar... tateio o vazio,
Não posso mais seguir !

Vai longa e triste a noite de minh'alma !
Sinto das veias escor-se a vida.
E' funda a minha dor !
Tenho sede de luz, luz dos vinte annos !
E no horizonte escuro não contemplo
Um só astro de amor !

1870, agosto.

dinário. Contudo antes de responder, ficou lutando entre uma declaração ingenua da verdade, ou entre as consequências que poderiam resultar de uma occultação completa daquelle segredo.

O padre Roberto comprehendio o que se passava no peito de Mathilde, e apressou-se a facilitar-lhe o caminho da franquesa pelo meio destas palavras :

— Não vos assombre a temeridade de minha pergunta, e não temais de minha indiscreção. Sou um antigo amigo da condessa de Segalvo, e ao confirmar o que eu desejo saber, não fazeis senão satisfazer o que legitimamente me consta.

— Neste caso, posto que tudo o sabeis, que quereis que vos diga ?

— Tendes razão, fica sentado que não é vossa mãe.

— Não o é, respondeu a joven ruborisando-se.

— Não vos envergonhe essa declaração, minha filha. O mal estaria em que houvesse nascido dessa mulher infernal, cuja negra historia é uma longa cadeia de maldades, e a qual está escripta em meu coração com indeleveis caracteres. Quem, se não ella, pôde haver approximado aos vossos labios esse funesto narcotico. Quem, senão ella, se houvera atrevido a vender vossa honra para encher suas malvadas intenções ?

— Logo acreditaeis que foi a condessa ?

— Vós tambem não duvidaeis. Essa mulher é capaz de tudo.

— Oh ! e que fazer ?

— Não ha mais que um caminho.

— Qual ?

— Fugir desta casa.

— Em toda parte me alcançariam seus tiros.

— Vos alcançariam, se eu não estivesse a vosso lado. Contudo, a condessa é terrivel, e ainda eu mesmo temo um accesso da sua cólera. Para dominal-a, é preciso converter-se em um ser tão sagaz, tão astuto, tão maligno como ella : é preciso adivinhar seu pensamento antes que brote de sua cabeça, para cubrir-se do golpe formidavel que dirige aos seus adversarios ; é indispensavel levar uma cota interior, como faziam os guerreiros antigos, para evitar o punhal de sua ira.

Mathilde tremia e chorava.

— Porém, aonde fugir?... Estou só no mundo ! exclamou com a mais suprema dôr.

— Joven, me honrarias demasiado, se accetasses minhas proposições.

— Que quereis de mim ?

— Em primeiro lugar que me considereis como vosso pai. E' o unico meio para salvar-vos.

— Oh ! porém então se descobrirá essa indigna superstição que nos uniu até agora a mim e a condessa.

— Eu espero que confieis em meus projectos. Alguma cousa de rude tem que haver, ao romper o laço que vos fez permanecer em esta casa. Porém, amais a Genaro ?

— Sim.

— Desejais salvar vossa honra ?

— Sim.

— Tendes fé em meu affecto ?

— Tambem.

— Então, não titubaeis.

— Estou decidida.

— Eis aqui meu braço : segui-me, contestou o conde de Malvar pondo-se em pé. Mathilde derramando lagrimas, o imitou.

Apenas tinha forças para sustentar-se : sua formosura, sua palidez e seu quebrantamento contrastavam com sua juventude e seu abandono.

Cubrio-se ligeiramente com um prolongado manto de casimira, e pondo-se um véo pela cabeça para occultar as lagrimas que cahiam pelas suas faces, disse :

— Aqui me tens cavalheiro. Confio em vós, porque um accento interior me diz que vossas palavras são a expressão da lealdade e da nobreza. Orphã solitaria, não tenho outro porvir senão a honradez de meus sentimentos e a pureza de meu coração. Faço-vos depositario de tudo isto. Esta casa é um abismo cuberto de flores, em o qual cahiria ao fim. Marchemos : e Deus que é o pai dos abandonados, dos tristes e dos perseguidos, estenda sua mão protectora sobre minha cabeça.

— Sim, contestou o padre Roberto ; sustentada com essa esperanza, confiae em dias mais bondosos. Partamos, pois.

O conde de Malvar offereceu o braço a joven e esta o accetou.

— Não quero, proseguiu o ancão com certo sorriso maligno, que vossa mãe julgue que commetto um rapto, ou ao menos que attento aos direitos domesticos. Assim é que desejaria uma cotsa.

— Qual ?

— Que passassemos a offerecer-lhe nossos mais humildes respeito e a participar-lhe vossa determinação.

— Esse passo pôde impossibilitar minha marcha.

— Tudo ao contrario. Já vos indiquei que a condessa e eu somos antigos amigos. Quero que saiba quem é o Paris que lhe rouba a linda Elena que ha de dar lugar a uma nova guerra de Troya.

Esta chalaça, dita com o echo da ameaça, fez comprehender a Mathilde, que o ancão longe de temer as fúrias da condessa, a despresaria de um modo solenne. Enmudeceu e seguiu seus passos tremendo.

CAPITULO XVII

O rei

A condessa de Segalvo, alheia ao que occorria em o gabinete branco, estava brillantemente vestido em um dos salões principaes do palacio de Alcañices, e desde alli prestava summa attenção ao surdo ruido que produzia as carruagens em o sujo pavimento das ruas.

Esperava algum acontecimento, porquanto batia seu coração violentamente assim que retumbavam como um trovão surdo as rodas dos coches; mas logo q' se afastavam, torrava a ficar em expectativa, contando os minutos em uma formosa pendula que marcava o tempo em uma mesa de marmore.

Desta forma havia estado cerca de uma hora, até que abrindo-se a porta do salão, appareceram Mathilde e o conde de Malvar.

A condessa não pôde adivinhar esta dupla visita, se bem sentiu em seu coração um máo estar inexplicável.

— Me permitte Sra. condessa passar adiante? perguntou o cavalheiro inclinándose-se respeitosamente.

— Oh! o Sr. conde de Malvar! exclamou a de Segalvo, com um fingido sorriso. Ha tanta differença do vosso trajo de hontem ao de hoje, que não vos havia conhecido. Porém permiti-me que seja algum tanto curiosa. Que significa essa íntima união em que vos vejo com minha querida filha?

— Ah, senhora! replicou o conde sorrindo-se; tendo tão poderosos motivos para render á mãe meu mais humilde holocausto, me pareceu conveniente pôr-me hoje ás ordens de vossa Mathilde.

Havia tanta mordacidade em estas expressões, que a condessa de Segalvo cravou nelle seu olhar incisivo e penetrante.

— E' certo cavalheiro?

— Creio que não tens motivo para duvidar de minhas palavras, contestou o benedictino.

— Sem embargo, replicou a condessa algum tanto admirada, é estranho que Mathilde vos acompanhe em esse trajo, mais proprio para sahir á rua, que para concorrer á estes salões.

E ao mesmo tempo olhava ao conde de Malvar, de um modo sombrio e ameaçador.

Este disse com seu eterno sorriso:

— Vossa filha se encontra adornada d'esta fórma por conselho meu.

— Por conselho vosso?

— Figurae-vos, dispensae que torne a pronunciar minha palavra favorita, figurae-vos, condessa, que Mathilde teve esta noite uma ligeira indisposição.

A condessa pôz-se livida ao sentir o tom ironico com que foram pronunciadas estas expressões.

— Então esteve mal?

— Sem duvida os criados de vossa casa julgaram que estavam na Turquia, por quanto lhe subministraram, ignore porque occulta influencia, certa quantidade de opio.

— Opio!

E os dentes da condessa rangeram surdamente, ao vêr que aquelle homem extraordinario estava inteirado de seu pensamento.

— Como minha vida foi alguma coisa extravagante, aprendi de tudo, ou ao menos, quiz ser um enciclopedista não do genero de Voltaire e Diderot, porém sim como um homem que pretende alcançar vastos conhecimentos em todas as materias.

— E bem, que quereis com isso dizer? instou a condessa, variando de côr a cada momento.

— Quería dizer, que estudei alguma coisa de medicina.

— Ah!

— Nesse caso, vi o estado em que se encontra esta joven, e lhe aconselhei que mude d'aguas, ou mais bem, de ares.

— Cavalheiro!

— Temerosa de que uma mão estúpida, já vês que não quero qualificar de outra fórma, pretenda subministrar-lhe uma segunda dosis d'este medicamento superior, ofereci minha carruagem, minha protecção e minha riqueza, e a levo.

O conde pronunciou, estas palavras com tanta naturalidade, que a condessa afogada pela colera, ferida por sua consciencia, temerosa d'este homem que se oppunha aos seus projectos, ao par que lhe recordava uma historia envolta nas sombras do tempo passado, ficou por alguns instantes não sabendo-se fugir com as feras, ou lutar com ellas até morrer.

Passou-se a mão pela fronte, e avizinhandose á Mathilde, lhe disse com voz pausada:

— Me abandonas, Mathilda!

— Sim, senhora, respondeu a joven.

— Já o vês: a enferma não quer separar-se de seu medico.

— E vós cavalheiro, exclamou a de Segalvo, deixando-se levar pela colera que ia subindo de seu peito como as negras nuvens de uma tempestade, que direito vos assiste á separar uma filha de sua mãe?

— Um muito singelo: o da humanidade.

— Quem sois, pois, para introduzir-vos em uma casa onde apenas vos conhecem, e obrar por conta propria em um successo dasta importancia?

— Senhora, hontem tive a honra de dizer-vos meu nome; hoje não quiz partir sem offerecer-vos meus respeitos, e participaros a resolução adoptada. Já vês que não faltamos á nenhuma conveniencia social.

Novamente desappareou-se a condessa, ante aquella urbanidade, que a maneira de um escudo apparaa todos os seus golpes.

Conhecendo que nada conseguiria deixando-se levar da indignação que a dominava, adoptou repentinamente um sangue frio extraordinario.

— Sois invulnéravel Sr. conde, disse acalmado a agitação de sua voz. Porém já que pareceis tão amante das fórmas exteriores, creio que respeitareis o poder de uma mãe sobre essa emancipação filial que quereis proteger.

O conde tirou sua acostumada caixa de ouro para aspirar seu aromatico rapé.

— Senhora condessa, não sou aliciado á questões domesticas, e não quero penetrar em ellas. Respeitae minha reserva: só me contentarei dando-vos uma terminante resposta.

— Qual?

— Que me levarei á vossa filha, porque assim me pareceu conveniente.

Figuramos as palavras: vossa filha, porque as pronunciou o conde de tal maneira, que a condessa de Segalvo comprehendeu que tudo o sabia aquelle homem fatal.

— Parece que me insultaes?

— Me guardaria muito, disse Malvar, de faltar ás considerações que vos devo. Já vos disse hontem alguma causa de meu caracter. Ainda que amigos de algumas horas, nem por isso deixo de conhecer-vos ha muito tempo. Em sua consciencia, á um amigo de minhas circumstancias não se lhe pôde negar um favor.

E ao dizer isto, revestiu seu semblante de uma magestade imponente e ameaçadora, soltou o braço de Mathilde e avizinhou á encia.